Resumo da Entrevista com Moyses Szklo: A Visão do Epidemiologista Fundador sobre o IMS, a Epidemiologia e o Legado de Piquet Carneiro

A entrevista com Moyses Szklo, realizada em 11 de julho de 2017, oferece uma perspectiva fundamental sobre a criação do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, a evolução da Epidemiologia no Brasil e as dinâmicas intelectuais e políticas que moldaram a saúde coletiva. Como um dos fundadores do Instituto e uma figura de destaque na Epidemiologia internacional, Szklo compartilha suas memórias e análises, destacando o papel visionário de Américo Piquet Carneiro e as tensões entre diferentes abordagens da saúde. Este resumo visa proporcionar a especialistas, estudantes universitários, executivos e ao público em geral uma visão clara e aprofundada da ótica de Szklo, sem perder a riqueza de suas reflexões.

A Gênese do IMS e o Papel Visionário de Piquet Carneiro

Moyses Szklo se apresenta como um dos fundadores do IMS, ao lado de Hesio Cordeiro e Nina Pereira Nunes, mas enfatiza que o verdadeiro visionário e idealizador da instituição foi o Professor Américo Piquet Carneiro. Piquet, chefe da Terceira Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas, percebeu a importância de criar o Instituto de Medicina Social. Szklo, que era muito próximo de Piquet (inclusive seu padrinho de casamento), relata que a ideia pode ter surgido inicialmente do desejo de Piquet de criar um Departamento de Administração Hospitalar.

A fundação do Instituto, segundo Szklo, foi precedida por uma série de viagens que ele realizou, a convite de Piquet, para conhecer Departamentos de Medicina Preventiva no Brasil (São Paulo, Minas Gerais, Ribeirão Preto) em 1965, e posteriormente na Inglaterra, Escócia, Venezuela e Chile em 1968. Essas viagens tinham como objetivo aprender sobre o funcionamento dessas instituições, que eram bastante diversas, mas muitas ligadas aos Sistemas Nacionais de Saúde. Szklo voltou ao Brasil no final de 1968, e o Instituto já havia sido criado, momento em que começou a lecionar.

A Trajetória de Szklo: Da Clínica à Epidemiologia Internacional

Szklo descreve sua transição da prática clínica para a pesquisa em Epidemiologia. Ele percebeu que a medicina praticada na época não era "suficientemente científica" e não era baseada em evidências. A Epidemiologia, com seu foco em métodos de pesquisa e na causa das doenças, o fascinou. Ele realizou um mestrado e doutorado na Johns Hopkins, nos Estados Unidos, uma das principais escolas de saúde pública do mundo. Embora tenha recusado uma oferta inicial para permanecer como professor assistente, a renovação do convite, somada a dificuldades políticas e pessoais no Brasil em 1974 (auge da Ditadura Médici), o levou a aceitar e a construir uma carreira de sucesso nos EUA, onde vive até hoje.

Apesar de sua saída, Szklo manteve forte participação no Brasil, formando "quadros" importantes para o IMS, como Eduardo Faerstein, que fez seu doutorado sob sua orientação. Ele também destaca que Reinaldo Guimarães foi seu aluno na residência, tendo sido seu orientador.

Epidemiologia Tradicional vs. Epidemiologia Social: Uma Discrepância de Visões

Um ponto central na narrativa de Szklo é a "discrepância de visões" que encontrou ao retornar ao Brasil em 1974. Enquanto ele havia se aprofundado na Epidemiologia tradicional, clássica, nos EUA, o IMS estava imerso em um movimento forte e "profundamente justificável" de Epidemiologia Social. Essa vertente, ligada à Sociologia e ao marxismo, estudava a influência da determinação social no processo saúde-doença e era uma forma de resistência à ditadura. Szklo, que não tinha proximidade com essa área, admite que houve uma "diferença" de abordagens, embora não um "conflito". Ele se manteve fiel à Epidemiologia tradicional, tornando-se, inclusive, editor-chefe da prestigiada *American Journal of Epidemiology*.

No entanto, ele reconhece a importância da Epidemiologia Social, notando que sua própria revista recebe muitos artigos sobre o tema, e que o Brasil, junto com os EUA, é um dos principais produtores de estudos nessa área (citando o ELSA e a atuação de Dora Chor). Ele defende a interdisciplinaridade, afirmando que a Saúde Pública é multidisciplinar e que a Epidemiologia, embora focada em "fatores de risco proximais", contribui para a avaliação dos serviços de saúde.

O Ambiente do IMS e a Importância da Nina Pereira Nunes

Szklo descreve o IMS como um Instituto que, desde o início, tinha a ideia de ser um centro de ensino e pesquisa, com o objeto de estudo sendo a "população", e não apenas o paciente individual. Ele relembra as atividades iniciais, como o Ambulatório de Medicina Social (depois Medicina Integral), onde se visitavam famílias em favelas para entender o contexto das doenças, uma ideia pioneira de "Medicina Comunitária" inspirada em Piquet Carneiro.

Ele destaca a importância de Nina Pereira Nunes, a quem descreve como a "filósofa do Instituto", o "cimento", o "tecido conjuntivo". Nina, que já tinha experiência no Chile, era "muito, muito, muito inteligente" e tinha a capacidade de agregar pessoas e dar o tom ao Instituto. Szklo a vê como a "porta-estandarte" do IMS, ao lado de Hesio Cordeiro.

Piquet Carneiro: O "Santo" Visionário e Protetor do IMS

A figura de Américo Piquet Carneiro é central na narrativa de Szklo. Ele o descreve como um homem "extraordinário", "bondosíssimo", um "santo" que atendia pacientes sem cobrar e que ensinou Szklo a estudar. Piquet tinha uma visão de futuro impressionante em três áreas: o envelhecimento, o Instituto de Medicina Social e a criação de um curso de Biomedicina.

Sua tolerância era notável, atraindo pessoas com grande interesse social, inclusive de esquerda, apesar de ser um católico fervoroso. Piquet foi o responsável por conseguir do governador Carlos Lacerda que o Hospital Pedro Ernesto passasse para a Universidade, e criou a residência médica (Szklo foi o primeiro residente).

Em um dos momentos mais marcantes da entrevista, Szklo relata a história de Piquet Carneiro protegendo a Faculdade de Ciências Médicas da invasão militar em 1968, afirmando que "naquela Faculdade, só se entrava com vestibular". Essa atitude, somada ao fato de Piquet abrigar pessoas de esquerda no IMS, gerou tensões com setores conservadores da faculdade e até um inquérito da Marinha. Piquet, segundo Szklo, tinha "tino político" ao trazer Nelson Moraes, uma figura aceita no meio militar,

para ser o primeiro diretor do Instituto, garantindo sua "blindagem" em tempos de ditadura.

A Epidemiologia no Brasil: De Fraca a Excelência

Szklo avalia a Epidemiologia no Brasil da década de 70 como "fraca", mas reconhece que hoje o país possui uma "massa crítica importante" e "vários centros de excelência", como o próprio IMS (com o grupo de Eduardo Faerstein), o IESC na UFRJ, a UFBA, a Fiocruz e a UFRGS. Ele enfatiza que a Epidemiologia moderna, que se desenvolveu nos EUA no final dos anos 50 com estudos de doenças não transmissíveis, era o que ele buscava.

Para Szklo, a Epidemiologia deve ser "translacional", ou seja, seus achados devem servir para políticas de saúde e prevenção. Ele cita exemplos como a criação de padrões de poluição, leis de controle do tabagismo e o enriquecimento de alimentos, todos frutos de estudos epidemiológicos. Ele critica o "reducionismo" de alguns epidemiologistas que se focam apenas em fatores de risco proximais, sem considerar a complexidade das causas (como a pobreza ou o lobby da indústria do tabaco).

Em suma, a entrevista de Moyses Szklo oferece uma visão privilegiada da fundação do IMS, destacando o papel central e visionário de Américo Piquet Carneiro como o grande articulador e protetor da instituição em um período político adverso. Sua trajetória pessoal reflete a evolução da Epidemiologia, desde suas raízes clínicas até sua dimensão social e política, e sua análise crítica das diferentes abordagens da saúde coletiva convida a uma reflexão contínua sobre a importância da ciência a serviço da sociedade.